

Com que roupa eu vou? A alma encantadora das ruas na passarela da moda

Graziela Valadares Gomes de Mello Vianna
(Professora Adjunta do Dep. de Comunicação/UFMG)

Márlon Uliana Calza
(Professor da Faculdade de Design/UniRitter)
(Doutorando em Comunicação/PPGCOM/UFRGS)

Resumo: O artigo propõe uma reflexão acerca da coleção *O Cronista do Brasil - verão 2012*, de Ronaldo Fraga, que tem como tema a paisagem sonora do Rio de Janeiro no início do século XX, evidenciada nas canções de Noel Rosa. Buscamos compreender como a expressão anímica do Rio e os vestígios da vida cotidiana no tempo e na cidade de Noel se concretizam nas roupas do estilista, por meio da análise de peças da coleção apresentadas no "desfile-espetáculo" (SPFW2011), tensionadas com as canções do artista.

Abstract: This paper has as subject the Ronaldo Fraga's summer fashion collection called *O cronista do Brasil* which has as theme the soundscape of Rio de Janeiro portrayed in Noel Rosa's songs in the beginnings of XX Century. By the analysis of the creation of Fraga showed in the catwalk presentation (SPFW 2011) tensioned to the songs, we tried to comprehend how the animic expression of Rio and the vestiges of day to day life at the time of Rosa are corporified in the clothes of this fashion collection.

Palavras-Chave: Moda; Paisagens Sonoras; Noel Rosa.

1. Introdução: Com que roupa eu vou ao samba que você me convidou?

Ao me aprontar para participar de uma roda de samba em uma festa, eu ouvia sambas das primeiras décadas do século XX, buscando, para mim, a resposta à questão de uma das canções de Noel Rosa: *Com que roupa eu vou ao samba que você me convidou?*¹ A seleção musical provocou-me uma viagem no tempo e no espaço: estava no Rio de Janeiro na década de 1930, marcado pelas conversas de botequim, os bailes carnavalescos, os cabarés da Lapa.

Embalada por essas paisagens sonoras que me traziam a ambiência carioca do passado, abri meu guarda-roupa, no qual posso encontrar peças de várias

¹ Todas as canções de Noel Rosa citadas no presente artigo estão registradas na coleção de CDs *Noel pela primeira vez*. Universal Music/MinC/FUNARTE, 2000.

coleções do estilista mineiro Ronaldo Fraga. As peças carregam um manancial que aciona memórias de textos, canções, espetáculos, lugares que de alguma forma estão relacionadas às minhas escutas, vivências ou leituras. Ronaldo Fraga já recorreu a Drummond e a Guimarães Rosa, ao Giramundo, ao tropicalismo, ao Rio São Francisco, à Pina Bausch. Tudo cabe no meu guarda-roupa. O Rio de Noel foi a mais recente aquisição para fazer morada dentro das portas mágicas de meu armário. Justamente nessas peças novas encontrei as respostas à pergunta que Noel insistia em me fazer na canção: "Com que roupa?"

Os vestígios do Rio de Janeiro, *locus vivendi* de Noel Rosa, tornados *locus operandi* do "compositor-cronista", foram, por sua vez, conhecidos, interpretados e traduzidos por Fraga, "tradutor-designer-de-moda". Nos tecidos da coleção do verão de 2012, percebem-se vestígios daquela "alma encantadora das ruas"² do Rio de Janeiro de oito décadas passadas.

No melindroso afã de me ambientar em sintonia com Noel, aprontei-me faceira com Fraga com um vestido cujos detalhes sutis me remetem a antigos bailes de Carnaval, marcados pelas antigas fantasias de marinheiro masculinas e femininas. Sinto que a encantadora alma das ruas me invade, fazendo-me pensar na vida cotidiana das primeiras décadas do século XX nas ruas do Rio. Tomada por essa alma, sambo sozinha em casa, ouvindo mais uma canção de Noel para, em seguida, sair bem malandrinha rumo à festa.

Tempos depois, após proveitosas discussões com meu colega Paulo Bernardo Vaz, passo a contar com o "auxílio luxuoso" de Márton Calza ao propor elaborar uma reflexão acerca dessas transposições de som e imagens, no tempo e no espaço. A coleção de Ronaldo Fraga, *O Cronista do Brasil - verão 2012* – sugere-nos um excelente caso a ser estudado de transposições e apropriações. Em primeiro lugar, uma transposição, nos anos 1930, entre a realidade histórica da vida cotidiana no Rio e a produção do artista-compositor. Em segundo lugar, nos anos 2010, a apropriação de Noel para a produção artístico-cultural do artista-estilista. Em terceiro lugar, no dia de hoje, a apropriação que realizo ao vestir Ronaldo Fraga para participar de uma festa onde será ouvida a música de Rosa, acionando a paisagem sonora representada por músicas e evocada pelas roupas.

Nos interessa, neste artigo, entender o modo como se dá a concretização de uma expressão anímica nas roupas. Quem veste uma peça da coleção verão-2012

² Fazemos aqui uma referência ao título de um dos livros de crônicas de João do Rio - *A alma encantadora das ruas* (RIO, 2008)

de Ronaldo Fraga tem um passaporte para entrar em um ambiente musical, paisagístico, comportamental presente em elementos de arquitetura, decoração, cores e em produções culturais contemporâneos de Noel. Tudo isso transforma-se em algo pronto para se vestir: uma camisa, uma saia, roupas que carregam aquele outro ambiente, configuradas por determinados elementos de estilo³ e identidade relacionados ao universo do artista.

Dessa forma, no presente artigo tratamos das referências à música de Noel, ao Carnaval e ao Rio de Janeiro na década de 1930. São considerados os cortes, os tecidos e as estampas das roupas da coleção apresentadas no desfile realizado na São Paulo Fashion Week em 2011. Procuramos observar o espírito do tempo e do espaço do Rio de Janeiro, ou melhor, as paisagens sonoras do Rio antigo, e de como Ronaldo Fraga delas se apropriou e as recriou na intertextualidade de sua produção.

2. O feitiço da moda, sem farofa

O termo *moda* definido por Lipovetsky como “reino do efêmero sistemático” (1989, p.29) pode se referir a inúmeros objetos e comportamentos efêmeros da vida cotidiana. Aqui nos referimos à moda como renovação sistemática e sazonal das formas de vestir, observadas nas roupas. Contudo, ao fazermos uma escolha pela criação de Ronaldo Fraga como objeto de estudo, consideramos a valorização dos elementos da memória coletiva recuperados em suas coleções em detrimento da valorização de tendências efêmeras (muitas vezes relacionadas ao corte e às cores que caracterizam a moda), até mesmo porque, como defende Garcia (2007, p.82):

[Ronaldo Fraga] busca interlocuções desafiantes, reinventa constantemente o modo de olhar para o passado. Enquanto a coerência garante credibilidade e a emoção solidifica vínculos comunicacionais, é a continuidade de tais maneiras de costurar que legitima Ronaldo. [...] Sem data de validade, seus looks sabotam o setor da moda, pois violam o automatismo de imperiosas mudanças que caracteriza o trunfo de vogas temporárias. Com a manutenção dos modos de costurar, o criador constrói a ficção de não-perecimento.

Contextos sociais, culturais e políticos são tecidos nas roupas criadas por Fraga, tornando-se os principais elementos de sedução do seu modo de criação:

³ Os elementos de estilo presentes nas composições visuais de uma coleção de moda determinam a relação entre roupas e sujeitos, através da partilha de sentidos, da construção de afinidades e do estímulo ao desejo pelos produtos. Ademais, atribuem uma singularidade a cada coleção, diante de um contexto ou de uma temporalidade específica (MACIEIRA, PONTES, 2008).

suas roupas contam histórias e são essas histórias - e não necessariamente as tendências - que criam o desejo por suas peças a cada nova estação.

A moda referente ao vestuário, segundo a análise de Roland Barthes (1979), é um sistema complexo em que o autor consegue distinguir três tipos de vestuário: o *vestuário real*, que seria a roupa material, a indumentária utilizada pelos indivíduos; o *vestuário imagem*, que seria a representação, o ícone do vestuário real; e o *vestuário escrito*, que seria a descrição da moda através da escrita, sendo essa escrita composta de um vocabulário particular, um código próprio à moda. No presente artigo, ao se falar de vestuário, nos referimos ao que Barthes denomina *vestuário real*, sendo que o objetivo deste trabalho é a compreensão do discurso implícito nesse vestuário real que ultrapassa as suas funções práticas delimitadas por Barthes (1967), ou seja proteção, pudor e ornamentação. Entendemos que a coleção de verão 2012 *Cronista do Brasil* lançada por Ronaldo Fraga assume outra função, se tornando lugar de memória ao nos remeter aos carnavais de rua ou à boemia na Lapa na cidade do Rio de Janeiro nos idos tempos de Noel Rosa. Para tanto, na tessitura das peças podem ser encontrados "textos" diversos cujos elementos se relacionam à arquitetura, à música, aos bailes no Rio de Noel.

Como discutimos de forma mais exaustiva em um trabalho anterior (MELLO VIANNA, 2004), vários estilistas se inspiraram nas artes e manifestações socioculturais nas coleções. Afinal, ainda é válida a observação datada de 1935, citada por Benjamin (2006, p.110): "os criadores de moda...frequentam a sociedade e adquirem desse convívio uma impressão geral; participam da vida artística, assistem a estréias e visitam exposições, lêem os livros de sucesso - em outras palavras, sua inspiração inflama-se com os estímulos..."

Portanto, privilegiamos nesse trabalho o aspecto da moda não apenas enquanto mudança constante nos modos de vestir, mas como um dispositivo capaz de ser o lugar do efêmero, mas também o lugar da memória de manifestações socioculturais ou, em outras palavras, uma transposição espaço-temporal: a roupa contemporânea que remete quem a veste a um outro lugar, distante no tempo e no espaço⁴.

⁴ Ressaltamos que, para Stallybrass (2004), pensar a roupa significaria pensar não apenas a sua relação com o corpo, mas também com a memória, com os valores e as relações de posse e poder. Para o autor, a roupa, dotada de um valor material e imaterial, é capaz de carregar o corpo ausente, a memória e a identidade: as roupas são preservadas e permanecem, uma vez que os corpos que as habitam é que mudam. Assim, ao pensarmos nas roupas como "modas passageiras", expressaríamos apenas uma meia-verdade.

3. Intertextualidades na criação de Ronaldo Fraga

Espetacularizar o lançamento de suas coleções tem sido uma estratégia recorrente do estilista, a exemplo de outros criadores. Entendemos o "lançamento-espetáculo" da coleção Noel Rosa como um dispositivo que faz uso de diversos tipos de "textos" - tais como, fotografias, elementos da arquitetura, estampas e cortes das roupas, músicas, performance de artistas e gingado do corpo, tudo remetendo a paisagem situada no tempo e no espaço: o Rio de Janeiro dos anos 1930. Especialmente nessa coleção, o desfile de apresentação das roupas em um dos mais importantes eventos de moda do país anuncia e antecipa, por meio do espetáculo, o imbricamento entre a alma sonora da alma das ruas e as peças criadas para vestir.

Antes mesmo da entrada das manequins que desfilam no ritmo dos sambas executados, ouve-se a bateria da Vila Isabel que toca as canções de Noel. Um ator-cantor vestido com terno branco e sapato bicolor representa o sambista/malandro. Ao fundo, uma pintura antiga da Baía de Guanabara. Tudo termina com uma batalha de confetes iniciada pelo estilista, da qual participam as manequins e o público que invade a passarela. Percebemos uma transposição espaço-temporal em um desfile que remete ao ambiente de um baile de Carnaval num salão *art déco* do Rio de Janeiro dos anos 30.

Trataremos a seguir do recorte do Rio de Janeiro na década de 30 percebido nas canções e na paisagem sonora do Rio antigo que inspiraram o estilista e as referências a essa paisagem presentes nas roupas da coleção apresentadas em tal desfile-espetáculo.

3.1. A alma sonora do Rio antigo

Consideramos a paisagem sonora⁵ como "qualquer porção do ambiente sonoro vista como um campo de estudos [podendo referir-se] a ambientes reais ou a construções abstratas como a composição musical", conforme proposto por Murray Schafer (2001, p.366). Concordamos com Schafer quando ele afirma que "o ambiente acústico geral de uma sociedade pode ser lido como um indicador das condições sociais que o produzem e nos conta muita coisa a respeito das

⁵ Tradução para o português do termo original em inglês - *soundscape*, derivado de *landscape* - cunhado pelo pesquisador.

tendências e da evolução dessa sociedade" (SCHAFER, 2001, p.23). Essa consideração é especialmente válida no contexto brasileiro, já que a prática musical brasileira que faz parte da paisagem sonora da cidade "sempre esteve associada à mobilização melódica e rítmica de palavras, frases e pequenas narrativas ou cenas cotidianas" (TATIT, 2004, p.69). As canções populares nascem assim, como sugere João do Rio,

de um balanço de rede, de uma notícia de jornal, de fato do dia - assunto geral - do namoro e da noite - assunto particular. Se em Paris é a rapsódia da miséria e da vergasta irônica, no Rio é a história viva do carioca, a evoluir na calçada, romântico, gozador e peralta. A gargalhada da rua faz-se de uma porção de risos, o soluço da paixão de muitos soluços - a Musa é policroma, reflete a população confusa e babélica tal qual ela é. (RIO, 2008, p.239-240)

Noel Rosa, assim como outros cancionistas brasileiros, foi um cronista da vida cotidiana brasileira, especialmente da vida urbana nas ruas do morro e do asfalto, nos botequins, nos *bas fonds* do Rio de Janeiro. E nos desvela a alma encantadora da cidade em registros apurados o bastante para nos sugerir uma paisagem bem precisa da vida das pessoas comuns, ao relatar cenas cotidianas que a constitui. Nas composições de Noel, tais cenas ganham visibilidade e são perenizadas por meio da associação do relato a uma estrutura melódica, o que é recorrente nas canções populares brasileiras desde o início do século XX. O eu - lírico das canções de Noel são encarnações de alguns personagens de Vila Isabel ou da boemia efervescente da Lapa, onde havia espaço tanto para artistas, malandros e jogadores como para a mais fina intelectualidade carioca.

Nas canções, malandros, pierrôs, bambas do samba, atores, poetas, políticos corruptos, gagos, mulatos, intelectuais, "baleiro, jornaleiro, motorneiro, condutor e passageiro" (*Coisas Nossas*) ocupam o lugar do sujeito. Sujeito que ama ou sofre pelo amor da *Dama do Cabaré* - e procura sua amada nos arredores dos arcos da Lapa - ou pelo amor da trabalhadora da fábrica de tecidos (*Três Apitos*); toma vermute com amendoim (em *Pierrot Apaixonado*) depois do fora da colombina de porre; conversa banalidades (*Conversa de Botequim*); pragueja ("Tu...tu...tu...tu...tu...tu...tu...vai..Fi...fi...ficar corcunda!" em *Gago Apaixonado*); critica os estrangeirismos no cinema (*Não tem tradução*); exalta a vila e o samba (*Feitiço da Vila*), a morena, a malandragem, joga, acusa o outro que rouba (*Onde está a honestidade*), dentre outras experiências cotidianas. Como defende João do Rio

a Musa das Ruas é a Musa que viceja nos becos e rebenta nas praças, entre o barulho da população e a ânsia de todas as neuroses, é a Musa igualitária, a Musa-povo que desfaz os fatos mais graves em lundus e canções, é a única sem pretensões porque se renova como a própria Vida (...) A Musa urbana! Ela é a canção, começa com os povos da história, e talvez tivesse, como o homem, a sua pré-história (RIO,2008, p.234)

Podemos então dizer que a musa das Ruas do Rio de Janeiro é perenizada por Noel Rosa. Suas canções tornam-se assim uma extensão da memória coletiva, um lugar de memória onde as paisagens sonoras, onde os atores sociais e os cenários que a constituem são reconstituídos a cada nova escuta.

3.2. Vestígios da alma encantadora do Rio nas roupas

Parece-nos evidente que a escolha do estilista Ronaldo Fraga para representar o Rio de Janeiro dos anos 30 parte de um recorte das paisagens sonoras da cidade nas canções de Noel Rosa. O estilista não parece se interessar por toda e qualquer representação da cidade naquele período. As roupas criadas perseguem pistas deixadas pelos personagens e fragmentos dos cenários que compõem a visada de Noel sobre a paisagem do Rio do seu tempo.

Fraga parece evitar a representação recorrente da cidade que valoriza suas belezas naturais e pontos turísticos. O que vemos nas peças na sua loja ou no desfile são pequenos vestígios das ruas. O único momento em que parece se aproximar de uma visão panorâmica da cidade o faz por meio de uma reprodução - em vestidos, camisetas, em seu *site* e como cenário do desfile - de um trabalho de um "pintor da rua" (FIG.1) que apresenta a Baía de Guanabara e o Pão de Açúcar, de forma semelhante àquelas pinturas de botequins pelas quais João do Rio se encanta em uma de suas crônicas⁶. Ou seja: mais um vestígio das ruas em uma pintura que poderia ser pano de fundo para a *Conversa de Botequim* de Rosa e não um cartão postal. Painel onde, ao ser utilizado no *website* do estilista, identificamos elementos tipográficos e iconográficos, componentes textuais do cenário devidamente atualizados: a marca do estilista e o nome da coleção em fonte tipográfica modernista.

⁶ Nessa crônica intitulada a *Pintura das Ruas*, João do Rio é levado por um amigo a observar as pinturas de artistas populares que cobriam as paredes de botequins e "bodegas reais" da cidade. Em uma certa altura da crônica, o amigo de João do Rio anuncia "vamos entrar agora nas composições das Marinhas. Os pintores populares afirmam a sua individualidade pintando a Guanabara e a praia de Icaraí"(RIO, 2008 p.92).



FIGURA 1 - Pintura artista desconhecido.
FONTE - FRAGA, 2012.

As roupas carregam também outros fragmentos dos botequins da Lapa cantados por Noel. Os copos lagoinha até hoje ainda muito utilizados nos bares se tornaram blusas, vestidos e shorts. A alma dos botequins também se desvela nos azulejos hidráulicos da Lapa, que se tornaram vestidos que usam o linho como tecido. Tecido esse usado desde os tempos de Noel, mas que atualmente é pouco utilizado como matéria-prima para as criações dos estilistas⁷. Mais uma vez, o azulejo desenhado no tecido comumente usado pelo *rapaz folgado*⁸ contemporâneo de Noel e frequentador do botequim, é um elemento mais sutil que conduz à lembrança desses lugares. Ronaldo Fraga também faz uma referência ao carteadado do *mulato bamba* que "desde pirralho, vive a custa do baralho e nunca viu trabalho"⁹ em um de suas peças (FIG.2): uma blusa bordada com números cujo corte - por meio do qual uma carta de baralho (inventada, diga-se de passagem, onde o ás é substituído pelo número 1) parece se sobrepôr a duas outras cartas - sugere o movimento do jogo como uma sequência (dos números 1, 2 e 3) de cartas colocadas à mesa.

⁷ Ronaldo Fraga defende a utilização de tecidos muitas vezes esquecidos por estilistas brasileiros. Em entrevista recente ele afirmou: "Minha coleção não tem tecidos novos. O Brasil precisa aprender a usar melhor os tecidos simples, como o linho e a seda. É trabalhar na base mesmo"(POLI, 2012)

⁸ Referência à canção intitulada *Rapaz Folgado* de Noel Rosa.

⁹ Trecho da canção de Noel Rosa intitulada *Mulato Bamba*.



FIGURA 2 - Blusa carta de baralho.
FONTE - FRAGA, 2012.

Retomando a crítica a Barthes em relação à tipologia e às funções do vestuário, podemos afirmar que as funções do vestuário real (proteção, pudor e ornamentação) se misturam às funções do vestuário escrito (a escrita da moda) nessas peças. Percebemos nas roupas uma citação a outros "textos" relacionados a apreensão da cidade nas composições de Noel. Quem escolhe vestir essas peças, as escolhe não apenas para se cobrir ou se enfeitar de acordo com as tendências da moda. Quem as veste está disposto a contar e carregar traços de histórias relacionadas à vida na cidade e no tempo de Noel Rosa. Traços de paisagens sonoras dos botequins ou dos bailes de Carnaval, cujas referências também são reproduzidas na coleção.

Desde a segunda metade do século XIX quando as mulheres passam a sair com mais frequência de casa, as ruas e os bailes já eram por excelência lugares de visibilidade para a moda, como confirma Rainho (2002, p.59), em sua pesquisa sobre a cidade e a moda naquele período:

a face do Rio de Janeiro que se identificava com a difusão da moda era a cidade que, beneficiada pela urbanização e pela europeização da vida social, permitia aos seus habitantes mais privilegiados o passeio pela rua do Ouvidor, reduto dos elegantes que se extasiavam com as vitrines da Notre Dame ou da Casa Wallerstein. Era também a cidade das festas - como as que ocorriam no Cassino Fluminense - , dos saraus e dos bailes nos salões do senador Nabuco ou do barão de Cotegipe.

Mais tarde, na época de Noel, quando os bailes do mês de fevereiro dessa cidade festiva eram de Carnaval, homens, mulheres e crianças usavam fantasias diversas, dentre elas a fantasia de marinheiro. É percebida uma referência a essa

fantasia de marinheiro na coleção de Ronaldo Fraga em diversas peças: em estampas de camisetas de malha, em macaquinhos, calças e vestidos como aquele que mencionamos na introdução deste artigo (FIG.3) e ainda em peças da linha infantil do estilista (Ronaldo para filhotes). Porém, apesar da referência às fantasias da época de Noel, não são reproduções das mesmas. Observamos que as peças femininas ganham cortes nas costas e decotes que expõem o corpo da mulher de forma muito diversa das fantasias das primeiras décadas do século XX. No vestido longo, as pernas são escondidas, mas o corte nas costas e o decote em V evidenciam o corpo feminino.



FIGURA 3 - Vestido marinheiro longo
FONTE - FRAGA, 2012

Contudo, é importante lembrar que o Carnaval acontecia também na rua, fora dos salões. Os cordões de Carnaval invadiam as ruas do centro, como a rua do Ouvidor, com novas cores (das fantasias, serpentinas e *confetti*), sons (das marchinhas de Carnaval, dos berros e gargalhadas) e cheiros (perfumes, suor, álcool e lança perfume). João do Rio define os cordões como "os núcleos irredutíveis da folia carioca, brotam como um fulgor mais vivo e são antes de tudo bem do povo, bem da terra, bem da alma encantadora e bárbara do Rio". (RIO, 2008, p.143)

Dessas transformações multisensoriais da rua invadida por uma pletera de alegria, Ronaldo Fraga se apropria, dentre outros elementos, do multicolorido dos *confetti*, por meio do qual a rua personalizava-se e "parecia, toda ela policromada de serpentinas e *confetti*, arlequinar o pincho da loucura e do deboche" (*idem*, p.141). Camisas masculinas brancas ganham bolinhas coloridas estampadas, como se quem as veste tivesse acabado de passar por um desses cordões. Como já descrevemos, no próprio "desfile espetáculo" ele encerra a apresentação de suas

peças com uma batalha de *confetti*, com as manequins e o público invadindo a passarela. Batalha essa animada pela canção popular, a Musa urbana de João do Rio, “que ri dos grandes fatos e canta seus amores pelas esquinas, nas noites de luar, a Musa é a de um milhão de indivíduos” (RIO, 2008, p.239). A sinfonia urbana que invade a passarela da moda e encarna em roupas para vestir. E assim encarnada faz o seu retorno às ruas, cobrindo com a alma sonora e encantadora das ruas do Rio antigo pessoas situadas em outro tempo, em outro espaço urbano.

4. Finaleta¹⁰

“Tudo o que leva forma e solidez, saiu, cidade e jardins, da minha chávena de chá”.
Marcel Proust
(1999, p.47, tradução nossa)

Podemos considerar a coleção de moda de Ronaldo Fraga como um dispositivo que faz uso de textos diversos (compostos pelos elementos gráficos e/ou elementos de estilo que fazem referências às canções de Noel Rosa) que permitem uma transposição no tempo e espaço. A partir das citações não literais de Fraga, consumimos uma moda contemporânea cujo principal elemento de sedução, as referências à alma encantadora da cidade, vistas aqui como paisagem sonora traduzida, transformada e concretizada em vestuário feminino e masculino. Tais paisagens sonoras encontram-se aquém e além das roupas às quais nos referimos. Tais paisagens estão no som e também nas fotografias de arquivos e reproduzidas em livros, revistas e jornais e em tudo que pode ser visto, visitado ou apenas lembrado, reavivado ao (re)acender-se a memória de quem vê, ouve, sente. Assim como um bolinho molhado numa chávena de infusão de tília provocou a longuíssima busca de um tempo perdido em Marcel Proust, vestir-se com um vestido estampado de velhos azulejos cariocas pode, por sua vez, proporcionar, em quem desfila com uma (simples) peça de uma (complexa) coleção de roupas, uma incursão pela paisagem sonora, visual e sensorial, que dá direito a uma viagem no tempo e no espaço, a habitar a encantadora alma das ruas do Rio de outrora.

Referências

BARTHES, Roland. **Sistema da moda**. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2006.

¹⁰ Título de uma canção de Noel Rosa.

FRAGA, Ronaldo. **Desfile da coleção O Cronista do Brasil - verão 2012**. Belo Horizonte, 2012. 1 DVD. (17 minutos),color.

FRAGA, Ronaldo. **Ronaldo Fraga**. Disponível em <<http://www.ronaldofraga.com.br>> Acesso em 05 fev.2012.

GARCIA, Carol. Por um poética do lugar-comum. In: QUEIROZ, João Rodolfo; BOTELHO, Reinaldo.(orgs.) **Ronaldo Fraga**. São Paulo: Cosac-Naify, 2007.

LIPOVESTSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MACIEIRA, Cássia; PONTES, Juliana (orgs.). **Na Rua: pós-grafite, moda e vestígios**. Belo Horizonte: Editora Fumec, 2008.

MELLO VIANNA, Graziela Valadares Gomes de. **Jingles e spots: a moda nas ondas do rádio**. Belo Horizonte: Ed. Newton Paiva, 2004.

POLI, Mariana. **SPFW - Ronaldo Fraga encerra temporada com desfile emocionante em clima de baile de Carnaval**.Disponível em <<http://entretenimento.r7.com/moda-e-beleza/noticias/>> Acesso em 02 fev.2012.

PROUST, Marcel. **La recherche du temps perdu**.Paris: Gallimard, 1999.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **A cidade e a moda**. Brasília: Ed.UnB, 2002.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memória, dor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TATIT, Luiz. **O século da canção**. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

Fonografia

ROSA, Noel. **Coleção Noel pela primeira vez**. Universal Music/MinC/FUNARTE, 2000. 14 CDs.